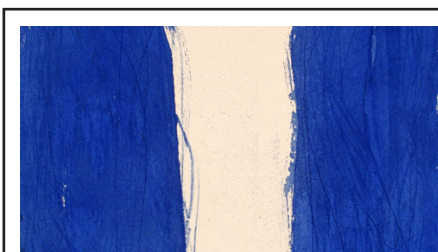
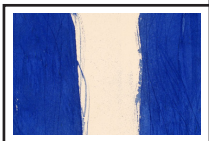


RESENHAS





SIMPLES ASSIM

Elcie F. Salzano Masini*

As crônicas de Janise vão surgindo do que a vida foi lhe ensinando, no simples do cotidiano, sem formalidades, naquilo que deixou "pegadas", novas compreensões, desafios e descobertas..., ao esbarrar no desconhecido, na ausência de palavras para traduzir sentimentos, ao resgatar a intimidade leve e cheia de humor, no sonido de emoções encobertas no estranhamento.

São crônicas que brotaram do talento – na metamorfose do digitar a criação de outros em dissertações e teses impessoais que "rediziam" autores de prestígio – para a publicação da própria criação de paisagens interiores sobre as belezas do ser, humano.

São crônicas que mostram o caminho da felicidade. No aprender a ser também homem, ao ficar viúva com duas mulheres pequenas para criar – a camuflar a própria sensibilidade, para não revelar medo, carência, necessidade de ajuda, fragilidades – na arte de romper a barreira do tempo, em sanidade, ao compartilhar com as próprias filhas atalhos para estender momentos de convívio ao escolherem no restaurante pratos de acordo com a remuneração recebida pelas folhas para a confecção das teses, degustando rindo as folhas que forneciam, também, o lazer. No espanto, com buraco no habitual que o roubo deixa – a sensação do esquecimento do local em que encostou o carro, depois o xingamento, a dor, o choro e a trabalhadeira de reorganizar as formas da ida e da vinda – e, então, as descobertas dos novos trajetos. Na construção de pontes de palavras para atravessar o rio das perdas – no tempo em que a dor fica sussurrando sem poder gritar, acariciando um corpo já oco de vida – e fazer soar a voz que não se faz mais ouvir transmutando a dor em lembranças do convívio fraterno nas intimidades do primeiro mergulho salgado, do primeiro medo, da primeira concha do mar mais lindo, jamais substituível. No de repente, deparar-se sozinha depois de tantos anos – não ter mais com quem conversar, ter que reavaliar-se esteticamente, buscar tons de batom que grite sensualidade e sentir nostalgia do tempo bom em que para ser charmosa bastava ser feliz –, encontros cheios de agora, o sorriso aventureiro ao retornar para casa, sem a preocupação de estar invadindo um espaço que não é seu e cantar e redescobrir a delícia de ser o que se é. No usufruir o embalo mágico de um navio, tirando o pó da rotina – sem intervir no fluir

* Professora e pesquisadora do Programa de Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e pesquisadora do CNPq em Produtividade em Pesquisa.

das coisas, sentindo o cheiro do mar e do vento salgado, antecipando o prazer do primeiro drinque, de curtir o piano, de dançar antes do jantar e de tantas coisas mais –, deixando para cada vez mais distante os resíduos do dia a dia. No assumir o compromisso de viver a rotina da vida em comum, em constante transformação, caminho de dar certo como pessoas – o guia prático de horários para ocupar o banheiro, o lado da cama para dormir, a divisão das gavetas e armários e a maneira de o dinheiro estar junto e não entre o casal –, após dez anos de convívio, aceitar essa aliança como única, construindo um caminho muito especial...: o do próprio caminho.

As crônicas de Janise foram se fazendo no aprendizado de seu caminhar. Lê-las é mergulhar em um mundo constituído no emaranhado de fios, gestos, fatos, presenças, ausências, encontros, conflitos e desencontros. Lê-las é aprofundar e rever-se ante lições com o sabor da vida que se recria na concordância e conciliação do que o ser humano tem de melhor.

MARTINS, J. *Simples assim*. São Paulo: Scortecci, 2009. 200 p.